

POÉTICAS URBANAS E SUAS GEOGRIFICIDADES: DESAPRENDENDO A GRAMÁTICA VISUAL DO MESMO

Urban poetics and their geographcities: unlearning the visual grammar of the repeated images

Antônio Carlos Queiroz Filho¹

RESUMO

“Repetir repetir – até ficar diferente”, é o que nos incentiva Manoel de Barros na sua “didática da invenção”. Porém, até que ponto a repetição é algo que nos aprisiona ao invés de nos permitir essa espécie de autonomia de pensamento, de imaginação e de criatividade que tanto apregoa e defende o poeta? O próprio Manoel nos dá uma pista quando diz que “repetir é um dom do estilo”, ou seja, quanto mais repetida for sua imagem iconográfica, menos potente será sua forma visual ou a prática discursiva, no sentido do “ficar diferente”. Dito de outra forma, a imagem repetida é o empobrecimento da imaginação e, portanto, da nossa capacidade de pensamento. Se tomarmos, por exemplo, as grandes cidades contemporâneas como tema, um dos assuntos que mais tem circulado pelas bocas, olhos e dedos das pessoas é a chamada “mobilidade urbana”. Qual seria a imagem repetida que define a mobilidade para como uma forma pensar e viver a cidade? Como se constitui essa sinonímia visual? Quais as implicações políticas dessas gramáticas visuais do mesmo? Qual o lugar do poético nesse contexto? Essas são questões que têm me acompanhado. Este artigo tem como objetivo compartilhar algumas experimentações conceituais e imaginativas que são uma forma de lidar com elas.

Palavras-chave: Poética. Cidade. Mobilidade. Imagem.

ABSTRACT

“Repeat repeat – until it becomes different,” this is what Manoel de Barros stimulate us to do in his “didactic of invention”. However, we ask ourselves: how to distinguish the repetition that traps us from that which allow us some kind of autonomy of thought, imagination and creativity, that are indeed preached by the poet? Manoel de Barros himself provides us with a clue, in the moment he says that “repetition is a gift of style”, in other words, the more the iconographic image is repeated less powerful will be its visual form or discursive practice, in the sense of “being different”. Rephrasing, the repeating image is the impoverishment of imagination, and therefore, of our thinking ability. For example, if we take big contemporary cities as theme, one of the most talked about subjects is the so called urban mobility. Which repeated image would define mobility as a way of thinking and living the city? Where does poetry fit in this context? These are questions that have been accompanying me. This paper aims to share a few imaginative and conceptual experiments as a path to deal with those questions.

Keywords: Poetic. City. Mobility. Image.

¹ Professor Adjunto, Departamento de Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo. queiroz.ufes@gmail.com.

✉ Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Departamento de Geografia. Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, Vitória, ES. 29060-900.



INQUIETAÇÕES: O CASTIGO DE BART E A IMAGEM QUE SE REPETE

Quem não conhece o personagem “Bart”, do desenho animado “Os Simpsons”? A maioria de nós deve recordar de sua cena mais peculiar: Bart escrevendo no quadro repetidas vezes a mesma frase, como forma de punição para suas travessuras.



Figura 1 – O castigo de Bart

Fonte: Google Images.

A repetição, nesse caso, é uma forma de castigo e também, de um suposto aprendizado. Estaríamos nós, de alguma forma, sendo punidos também? Qual teria sido o nosso pecado? Talvez alguns de nós até pense ser merecido o castigo, afinal, como não repreender alguém tão – e aí eu vou utilizar uma palavra que por muito tempo assustou (assustou?) muitos de nós: subversivo(?) Bart é a oposição perfeita de sua irmã: tudo que ela é, ele não é. Mas por que o castigo é a repetição e não outra coisa qualquer? Manoel de Barros fala que “a repetição é o dom do estilo”.

Repetir então seria o meio de se produzir um “estilo”? No caso de Bart, estilo seria se comportar adequadamente, de acordo com determinadas normas e padrões. O castigo de Bart, portanto, é repetir

até adquirir o “dom do estilo”, até o estilo ser incorporado ao ponto dele ser tido como algo natural (vale lembrar que não estou entrando no mérito da questão pedagógica), assim como também não está Deleuze (1995) quando diz que “A professora não se questiona quando interroga um aluno, assim como não se questiona quando ensina uma regra de gramática ou de cálculo. Ela ‘ensina’, dá ordens, comanda” (DELEUZE, 1995, p. 11-12).

O castigo de Bart, e também o nosso, é da ordem do “ensinamento”, que é a imposição, segundo Deleuze, de “coordenadas semióticas com todas as bases duais da gramática”. A isso ele qualifica como uma “faculdade abominável que consiste em emitir, receber e transmitir as palavras de ordem” e conclui dizendo que “A linguagem não é mesmo feita para que se acredite nela, mas para obedecer e fazer obedecer” (DELEUZE, 1995, p. 12).

A ideia do acreditar está no sentido daquilo que é implícito, acordo tácito. O próprio Deleuze quando vai explicar sobre os agenciamentos de enunciação, imputa aos processos implícitos certa responsabilidade pela constituição da referida crença. Obedecemos porque acreditamos e acreditamos porque paramos de pensar:

Passamos dos comandos explícitos às palavras de ordem como pressupostos implícitos; das palavras de ordem aos atos imanentes ou transformações incorpóreas que eles expressam; depois, aos agencia-mentos de enunciação dos quais eles são as variáveis. Quando essas variáveis se relacionam de determinado modo em um dado momento, os agenciamentos se reúnem em um regime de signos ou máquina semiótica. (DELEUZE, 1995, p. 24)

Nosso regime de signos é o da repetição, tal qual o castigo de Bart. Somos punidos por acreditarmos que controlamos a máquina semiótica e nosso castigo, irônica e paradoxalmente, é continuá-la

Poéticas urbanas e suas geograficidades: desaprendendo a gramática visual do mesmo

Antônio Carlos Queiroz Filho

fazendo funcionar e assim, agirmos como o executante, do escrito Elias Canetti citado por Deleuze: culpamos o “agulhão” pela dor provocada, ao invés de acusar a si mesmo:

Canetti supõe que uma ordem imprime na alma e na carne um tipo de agulhão que forma um quisto, uma parte endurecida, eternamente conservada. Mas além disso, o fato de a palavra de ordem ser como um corpo estranho no corpo, um discurso indireto na fala, explica o prodigioso esquecimento: “O executante não acusa a si mesmo, acusa o agulhão, a instância estrangeira, o verdadeiro culpado, por assim dizer, que transporta por toda a parte com ele (DELEUZE, 1995, p. 26).

Deleuze trata dessas questões no Mil Platôs, Volume 02, mas e nós, se pensarmos nos dias de hoje, qual seria a nossa redundância? A qual gramática somos obedientes e como ela está nos ensinando a grafar nossa existência? Na década de 1970, Yves Lacoste afirmou que não havia somente a geografia dos professores, mas também aquela que veiculam a televisão, o cinema, os cartazes, os jornais (In: OLIVEIRA JR., 2009, p.18). Mas não seriam esses mesmos jornais, revistas, televisão os fazedores da redundância de que fala Deleuze?

A relação entre o enunciado e o ato é interior, imanente, mas não existe identidade. A relação é, antes, de redundância. A palavra de ordem é, em si mesma, redundância do ato e do enunciado. Os jornais, as notícias, procedem por redundância, pelo fato de nos dizerem o que é “necessário” pensar, reter, esperar, etc (DELEUZE, 1995, p. 17).

Se estamos aprendendo o que é necessário por meio dos jornais, da televisão, do cinema, da fotografia – e podemos dizer, das imagens... se existe uma gramática que codifica meu pensamento e me torna um consumidor do senso comum, no sentido deleuziano da expressão, que diz respeito a um “bom senso que é universalmente compartilhado”

(DELEUZE, 1995, p 26), não na perspectiva do que se define por ético-moral, mas na constituição de um pensamento hegemônico ou ainda, na formação daquilo que Manoel de Barros chama de “pessoas razoáveis”. E se meu desejo não é o de culpabilizar o agulhão: que eu escreva errado, que eu:

desinvente objetos
desaprenda oito horas por dia
repita, repita – até ficar diferente
faça o verbo pegar delírio
que eu voe fora da asa

Adaptado de BARROS (2007)

Falando de e com poesia – e antes de falar das poéticas urbanas – vou pontuar, brevemente, o que estou considerando como poética.

POÉTICA: MATÉRIA DE POESIA (VIDE MANOEL DE BARROS E OUTROS AFINS)

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e manifestações de apreço ao Sr. diretor.
Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo.
Abaixo os puristas
Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis
Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja
fora de si mesmo
De resto não é lirismo

Poéticas urbanas e suas geograficidades: desaprendendo a gramática visual do mesmo

Antônio Carlos Queiroz Filho

Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante
exemplar com cem modelos de cartas e as diferentes
maneiras de agradar às mulheres, etc
Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare
— Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

BANDEIRA (2012)

... E a Geografia sempre teve um “q” de lirismo bem comportado. Talvez, por isso, sua poética seja tão gramatical e “Uma regra de gramática”, como nos alerta Deleuze, “é um marcador de poder, antes de ser um marcador sintático” (DELEUZE, 1995, p. 13). Se para Manoel de Barros, “tudo aquilo que não nos leva a coisa nenhuma”, serve para a poesia. Se “tudo aquilo que a nossa civilização rejeita, pisa e mija em cima, serve para poesia” (do livro “Matéria de Poesia”), por que não dizer: serve para a Geografia também? Talvez porque ela ainda esteja muito apegada à “forma que segue a função” e não se permita ser como a criança do velho Manoel quando diz: “eu escuto a cor dos passarinhos” (A criança muda a função do verbo e o faz delirar) e por isso, talvez ela ainda não consiga “reproduzir em palavras o gostowww” e ainda não se permita “o coração batendo”, vide Clarice Lispector (do livro “Água Viva):

Bem atrás do pensamento tem um fundo musical
Mas ainda mais atrás há o coração batendo
Assim o mais profundo pensamento
É um coração batendo

LISPECTOR (1998)

Clarice pergunta: a música, depois de tocada, para onde vai? Parafraçando, nós podemos perguntar: a geografia, depois de

pronunciada, para onde vai? Música só tem de concreto o instrumento, afirma Clarice. E a geografia? Falta música à Geografia? Falta poesia à Geografia? O que seria, então, uma Geografia poética? Se pensarmos como Bachelard, quando diz que “a imagem poética é uma emergência da linguagem significativa” (BACHELARD, 2005, p. 11), poderíamos dizer, por extensão, que a geografia poética é uma emergência de uma grafia significativa, que seria aquela que desperta as “imagens apagadas”, sem que nos esqueçamos: deliberadamente apagadas – pela repetição, pelo castigo de Bart.

Se para Bachelard a imaginação é a “potência maior da natureza humana” (BACHELARD, 2005, p. 18) e se o ato poético é a “chama do ser na imaginação”, então o que a Geografia tem apagado de suas grafias de mundo? Talvez exuberância, profundidade (BACHELARD, 2005, p. 07) e, ao mesmo tempo, “simplicidade”, que, propriamente, é a não necessidade de um saber pronto e definitivo. A imaginação é “... uma dádiva da consciência ingênua. Em sua expressão, é linguagem criança” (BACHELARD, 2005, p. 04). Parafraçando Bachelard seria o mesmo que dizer assim:

Tornar imprevisível a palavra (Geografia) não seria um ato de liberdade?
Que encanto a imaginação poética (Geografia Poética) encontra para zombar de censuras!
Antigamente, as artes poéticas (Geografias) codificavam licenças.
Mas a poesia contemporânea (Geografia Contemporânea) colocou a liberdade no próprio corpo da linguagem.
A poesia surge então como um fenômeno de liberdade.

Adaptado de BACHELARD (2005)

A Geografia se liberta na medida em que passa a se reconhecer como “um produto direto do coração, da alma, do ser do homem

tomado em sua atualidade” (BACHELARD, 2005, p. 02), que se assume como imaginação criadora: Bachelard diz que “não há poesia se não houver criação” (BACHELARD, 2005, p. 15) e porque não dizer: não há Geografia se não houver criação!

Vou entrar agora nos blocos de imagens: o primeiro trata de imagens onde a forma segue a função: a gramática visual do mesmo. O segundo bloco, tentativas de desinvenções.

A IMAGINAÇÃO ESPACIAL QUE SE REPETE OU A FORMA SEGUE A FUNÇÃO

*O espaço percebido pela imaginação
 não pode ser o espaço indiferente
 entregue à mensuração e à reflexão do geômetra.*

Gaston Bachelard

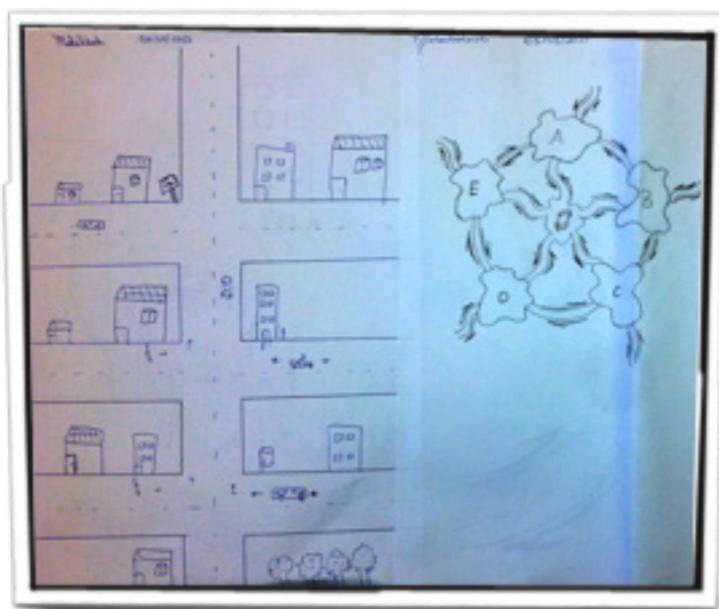


Figura 2 – Desenho do espaço “entregue à mensuração e à reflexão do geômetra”

Essa é a ideia de que “a forma segue a função”, do arquiteto Louis Sullivan, que implica na ideia de que a forma do objeto deve partir

do pressuposto funcionalista e de uma “desumanização”: Espaço unilateral, euclidiano, representativo, repositório, estático, fechado... Quando digo que a cidade se repete é porque a imagem da cidade se repete e se estamos falando de linguagem e também de uma “linguagem criança”, por que não retomar o exercício de ser criança e fazer algo que muitos de nós deixou de fazer há muito tempo? Estou me referindo ao desenho.

No nosso imaginário, o desenho é livre. Ao desenhar podemos usar nossa imaginação, colorir como quisermos, desconfigurar formas e por aí vai. Não é isso? Nem tanto. Decidi articular a ideia de “imaginação espacial” (MASSEY, 2008) com a de “gramática do ver” (SONTAG, 2004). No primeiro dia de aula da disciplina “Geografia da Mobilidade, levo para meus alunos cartolina, giz de cera, lápis de cor, canetinhas coloridas e peço a eles para desenharem o que entendem por “mobilidade”.

O exercício consiste em fazer um diagnóstico de como uma dada gramática do ver produz, diametralmente, uma imaginação espacial que se repete, o que significa dizer, dentre outras coisas, que pelos desenhos realizadas pelos alunos podemos identificar, não apenas indícios, mas traços firmes e consistentes, tanto “sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos direito de observar” (SONTAG, 2004, p. 13), como também, o modo como realizamos isso.

O que me interessa discutir com os alunos, em primeira instância, diz respeito a seguinte reflexão: de onde vem essa associação tão instantânea e naturalizada entre um certo tema e uma iconografia correspondente? Ao propor essa interrogação, estou claramente afirmando: não é natural! Além disso, estou também construindo elementos e formas de se identificar as intencionalidades ali existentes, o que Sontag (2004, p. 13) vai chamar de “ética do ver”. Por meio da repetição identificada nos desenhos, os organizei em

Poéticas urbanas e suas geograficidades: desaprendendo a gramática visual do mesmo
 Antônio Carlos Queiroz Filho

“vistas”, como se estivéssemos lidando com um *olho-câmera* ou com um *olhar-fotografia*, todos – desenhos, olhos, câmeras e fotografias – interpretações (e não, representações) do mundo (SONTAG, 2004).

a) Cliques “de cima”:

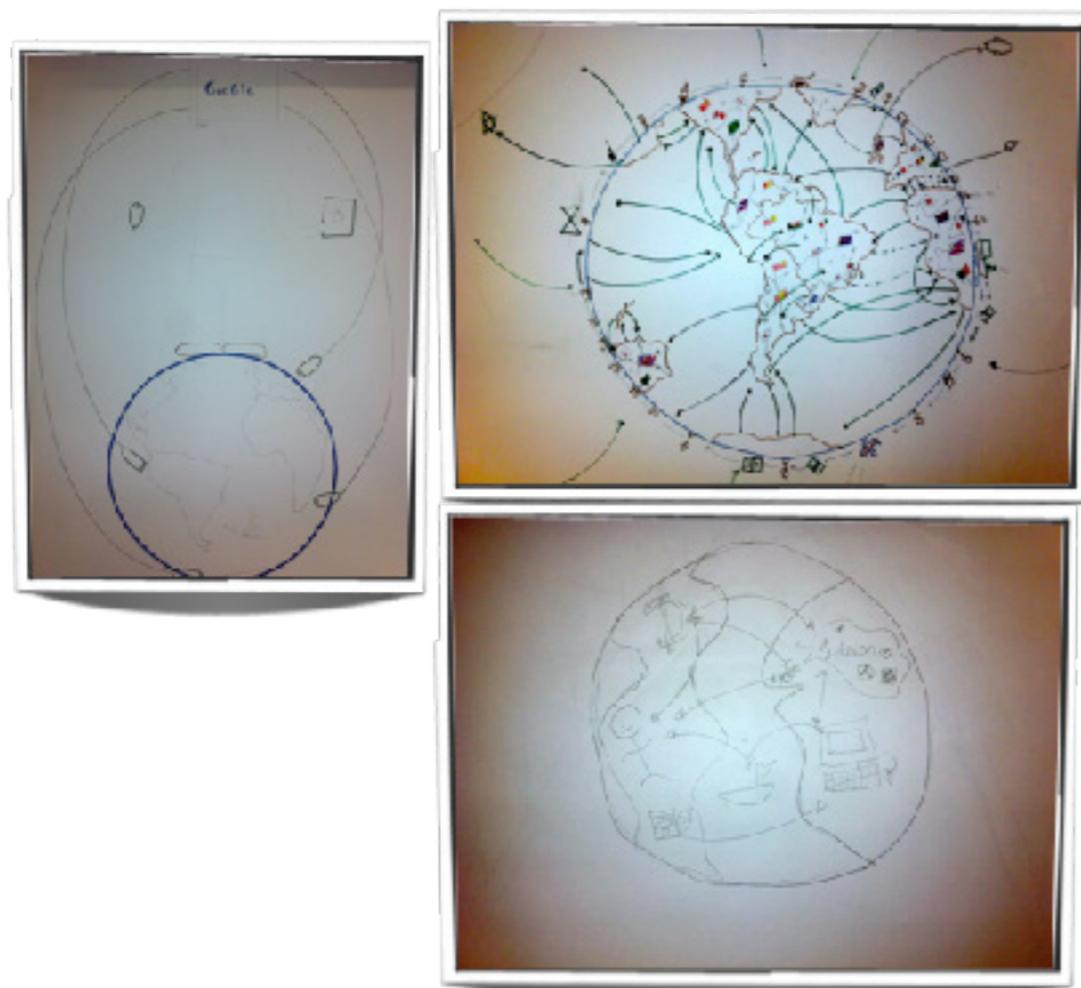


Figura 3 – Montagem dos desenhos classificados como “cliques de cima”

b) Cliques “panorâmicos”:

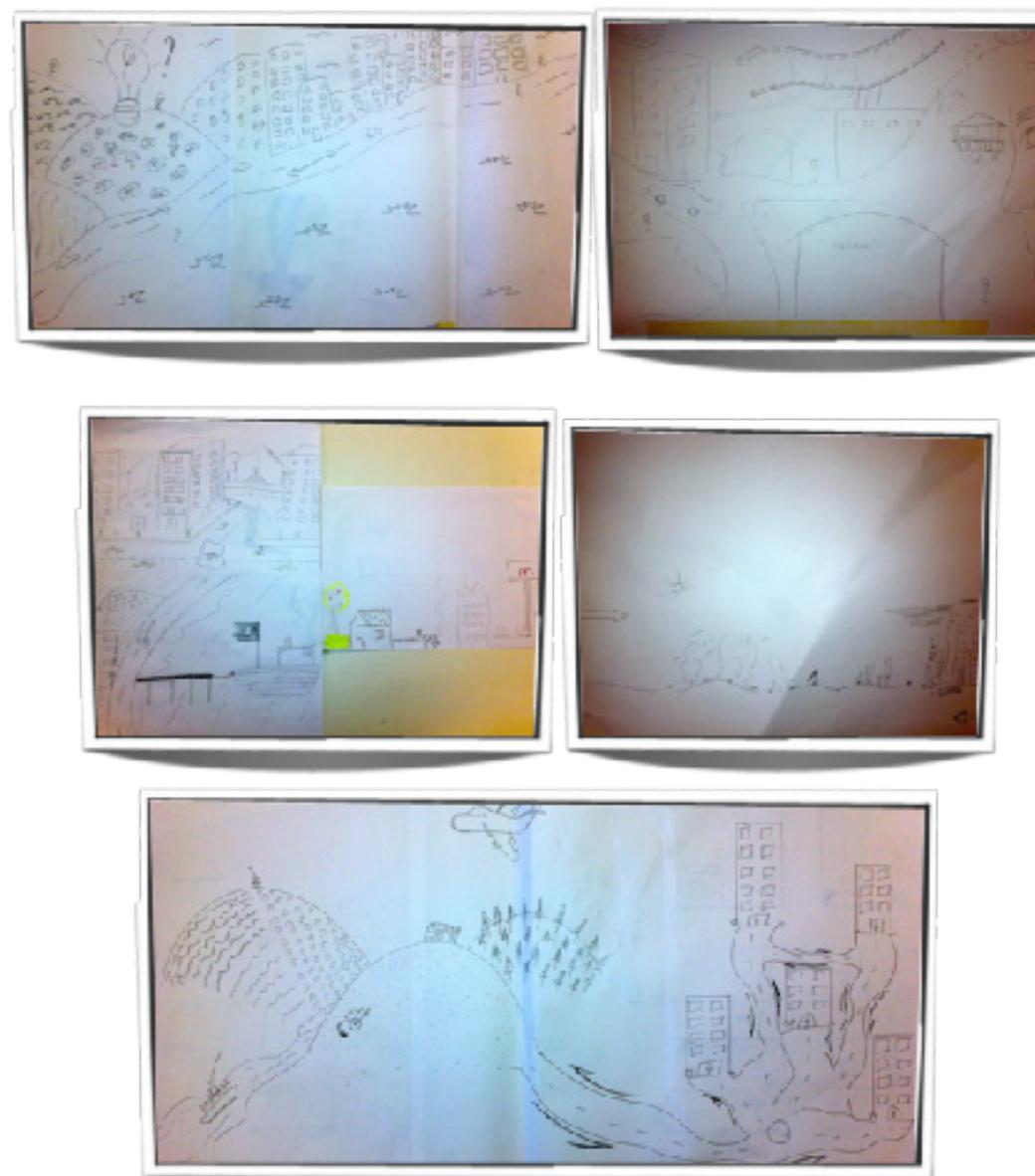


Figura 4 – Montagem dos desenhos classificados como “cliques panorâmicos”

c) Cliques dos "fluxos":

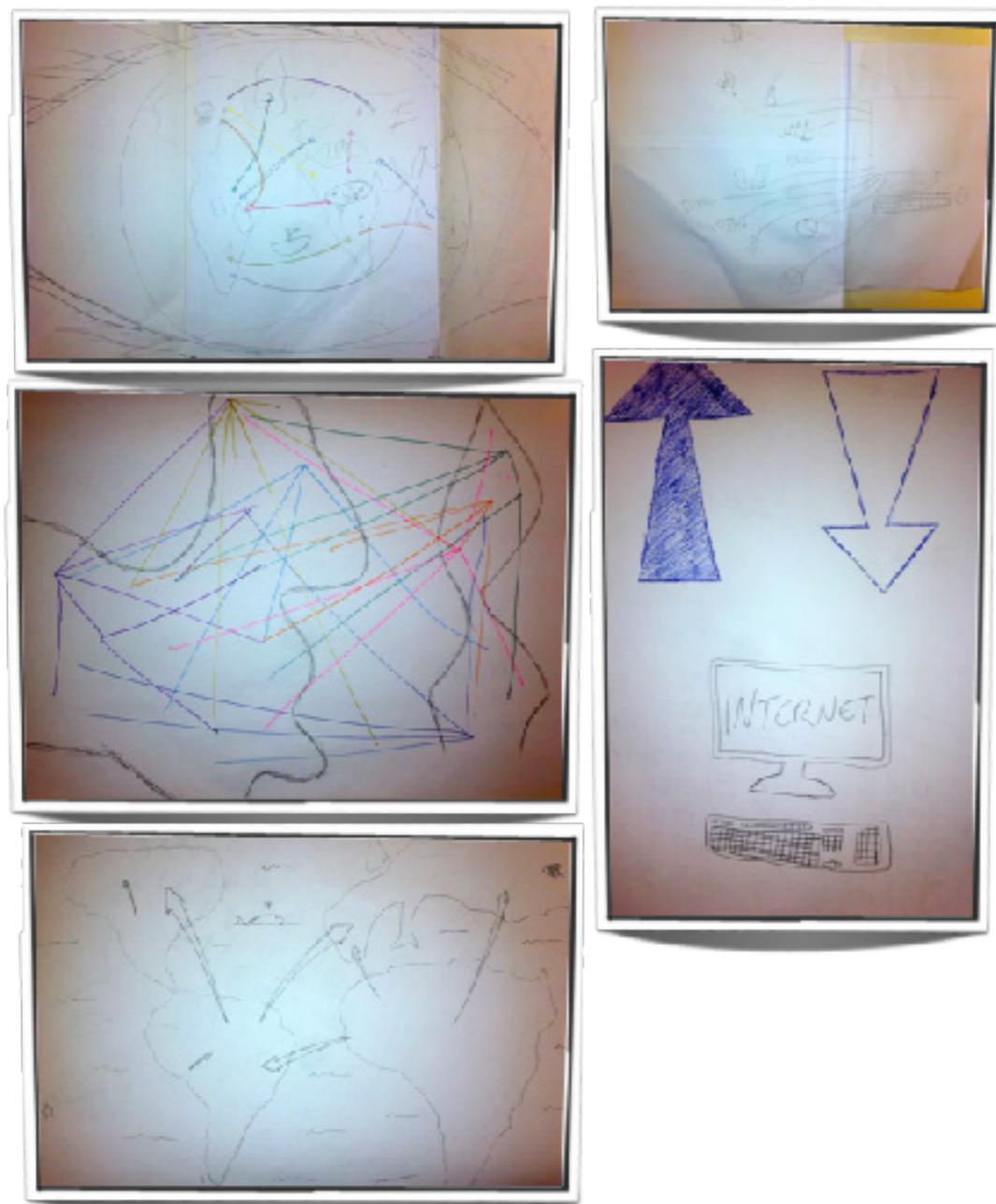


Figura 5 – Montagem dos desenhos classificados como "cliques dos fluxos"

d) Cliques dos "ícones":

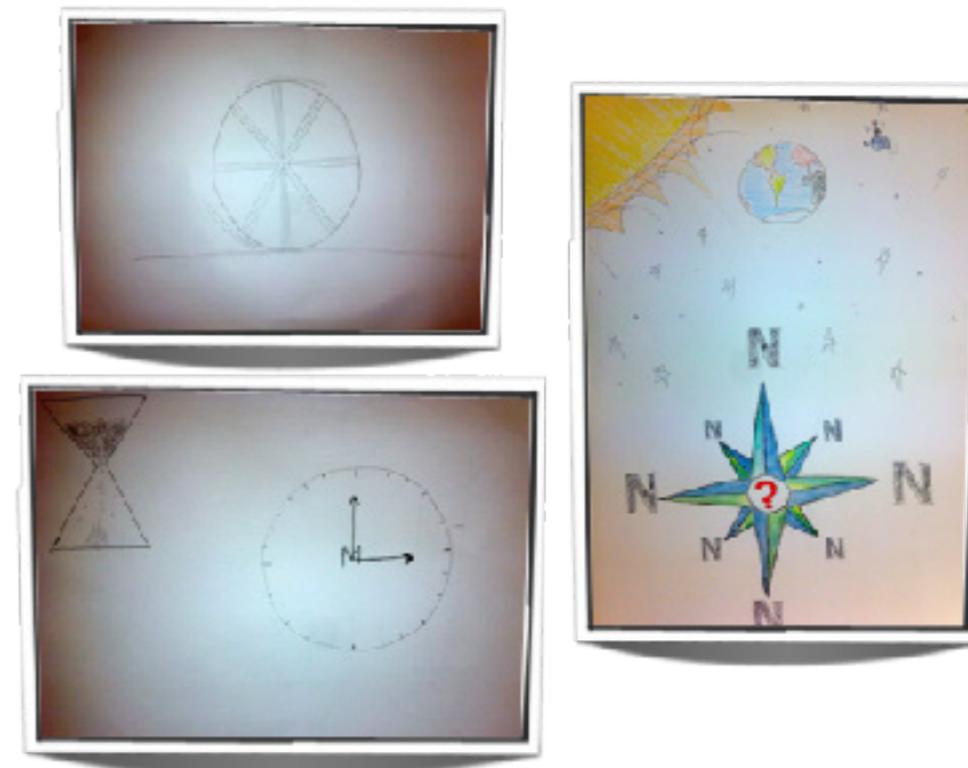


Figura 6 – Montagem dos desenhos classificados como "cliques dos ícones"

A matemática tem a tabuada. A química tem a tabela periódica. O português tem o dicionário. A Geografia tem o atlas, o mapa... Mas todos nós temos o Google, que é a nossa maior gramática visual da contemporaneidade, nosso visualizador (fazedor) de repetições, de imagens repetidas. Ao pesquisar no Google Imagens por alguma palavra, o buscador nos retorna com uma sequência indexada e organizada pela "relevância", que é dada a partir de algoritmos que classificam os resultados por meio de diversas métricas, mas basicamente, todas elas partilham do mesmo princípio: quanto mais visto, quanto mais acessos, quanto mais "linkado", mais na frente a página aparecerá na ordem de classificação. Quando buscamos por imagens, essa indexação se dá na forma de repetição das imagens. Digitamos "mobilidade, enter":

Poéticas urbanas e suas geograficidades: desaprendendo a gramática visual do mesmo

Antônio Carlos Queiroz Filho

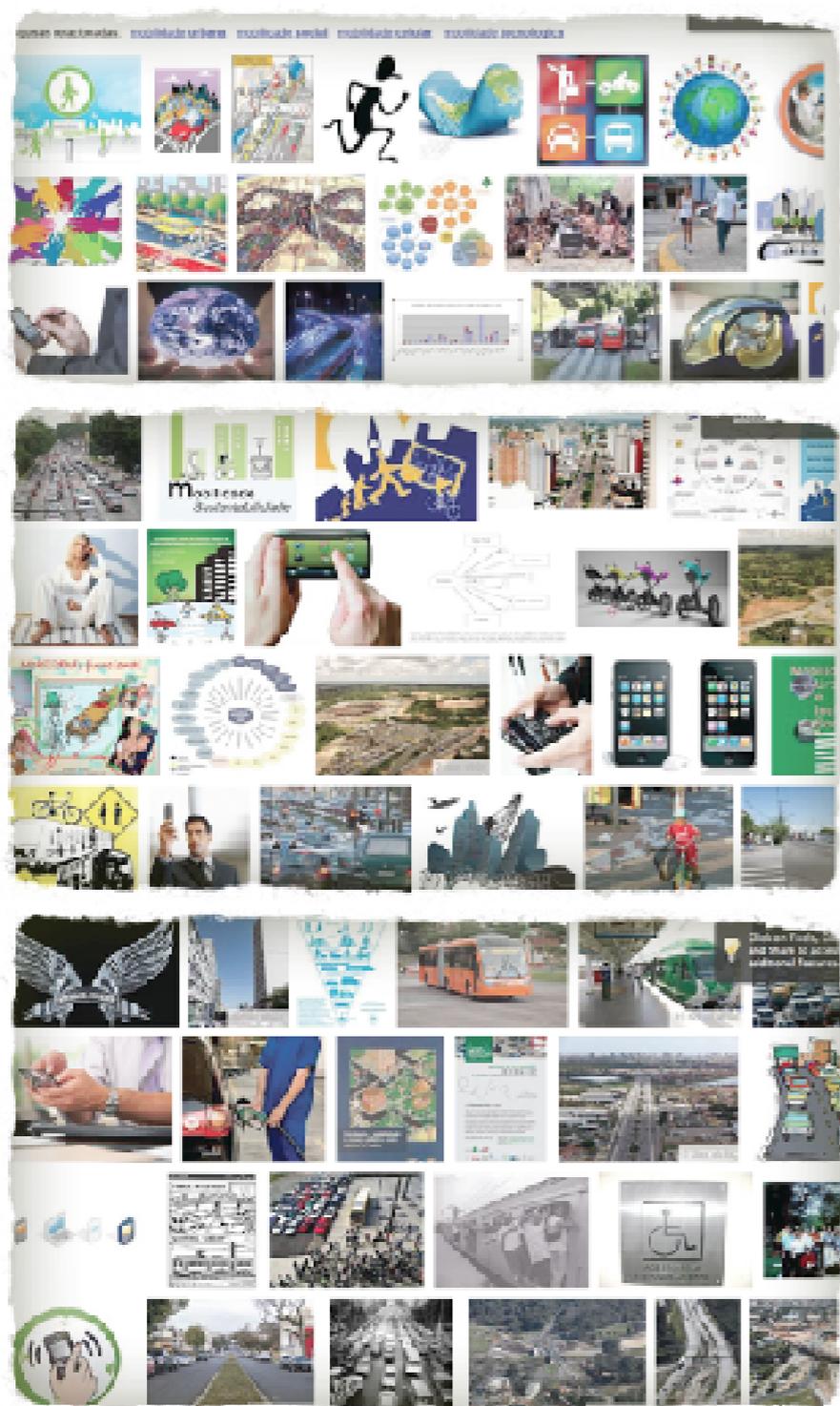


Figura 7 – Mosaico do resultado da busca feita no Google Imagens pela palavra “mobilidade”

Carros, engarrafamentos, feixes de luz, o globo, celulares e mais carros. E a cidade tem se resumido à mobilidade: palavra–moda, assim como já tivemos muitas outras. Mas qual o problema disso? Qual a questão efetiva a ser combatida na repetição da mesma imagem, da mesma imaginação espacial? Porque a repetição é uma forma de reducionismo – no sentido da redução narrativa que já falei anteriormente. Nesses termos, vemos uma redução da vida urbana à mobilidade e, por sua vez, uma redução da ideia de mobilidade à determinados temas e a redução desses temas à uma forma de abordagem/entendimento, todos alimentando e retroalimentando uma determinada lógica/concepção de cidade e de mundo que se pretende única via estética e política visual. As “vistas” (e seus temas) encontradas no *Google Imagens* são as mesmas repetidas nos desenhos. Se me permitem a ironia: aprendemos bem!

A redução é uma forma perversa de fazer com que não discutamos o que significa o viver citadino contemporâneo levando em consideração a sua multiplicidade. Aqui neste trabalho, as imagens do google vieram depois dos desenhos, mas são elas as “fontes” que alimentam a imaginação espacial hegemônica. É ela que irá configurar o que Doreen Massey chama de “imaginação do político” (MASSEY, 2008, p. 30). Então, a grande questão é entendermos que uma imaginação espacial que é fundamentalmente alimentada por imagens repetidas passa a reconhecer na repetição a própria imaginação naturalizada, produzindo efetividade política pela força do convencimento e, conseqüentemente, diminuindo potencialmente a resistência a essas ações, simplesmente porque se acredita que determinada ação/entendimento de mundo é único: possível e necessário.

INSPIRAÇÕES E RESISTÊNCIAS

Se repetir é o dom do estilo, que façamos então como nos propõe Deleuze e Guattari com sua “literatura menor”, dando ao estilo uma “função política” (DELEUZE e GUATTARI, 2003, p. 19). Uma das formas de se conseguir isso é promovendo “um forte índice de desterritorialização”, criando espaços possíveis para linhas de fuga e aí é importante destacar que são linhas de fuga na linguagem e, por conseguinte, no pensamento.

Temos então projetos de pesquisa desenvolvidos por meio de colaborações em rede, atividades realizadas em disciplinas de graduação e pós-graduação, monografia e projetos de iniciação científica, além das orientações de mestrado. Conservando as particularidades de cada uma dessas atividades, todas partilham da mesma sensibilidade e apostam numa determinada forma política de resistência: rasurar a gramática do mesmo e produzir grafias mais próximas de uma experimentação ativa, excitante, guaguejante, titubeante... e que, no fim das contas, se reconhece enquanto tal. Compartilho agora algumas dessas inspirações e resistências, companhias solidárias:

Os lugares, como mercadorias, são “editados” para serem consumidos. [...] Essa é a cartilha visual que irá ser reproduzida por aqueles que forem até o lugar como consumidores de paisagem. Precisam fotografar este ou aquele lugar, para sentirem/comprovarem que estiveram mesmo ali. Neste contexto a fotografia é um testemunho de existência do lugar. “Pare, tire uma foto e vá em frente”. Esse movimento é realizado mecanicamente, sem nenhuma reflexão política sobre. Daí a repetição dos ângulos e enquadramentos das fotografias.
 Pensar não é importante, fotografar o mesmo é.

(de: Atlas das Geografias Menores: fotografia e narrativa dos lugares, Pesquisa de Iniciação Científica)

Buscamos ser habitantes da cidade. Transitamos por ela, admiramos e nos tornamos presentes como possíveis interlocutores. Realizamos ações que dialogassem com ela. Isto significou apropriar-se de seus espaços públicos, especialmente da rua – local onde acontecem, de fato, as experiências urbanas.

Procuramos ainda sentir olhares, gestos e cores presentes neste local, permitir-nos fazer parte deste amalgamado de pessoas, coisas e seres, bem como, penetramos neste ambiente por completo – intelectual, físico e intuitivo – buscando o envolvimento total e orgânico, simbólico e afetivo.

(de: Habitar a Cidade: experiência, arte e subjetivação nas ruas de Vitória-ES, Pesquisa de Iniciação Científica)

Somos conduzidos a um modo de produzir conhecimentos a partir de versões sobre o mundo onde a minoria ganha voz, sem desconsiderar as produções dominantes. Iremos em busca da “desterritorialização” dessas imagens-ícones (pensamento maior), fazendo o discurso hegemônico “gaguejar”, “deslizar” na sua ânsia de definir o que é e passe a se reconhecer como um conjunto de versões menores (fabulações) do lugar-Terra Vermelha, dentro daquela versão maior (estabelecida): cada narrativa inventada, uma geografia possível.

(de: Narrativas em Imagens: versões menores do lugar-Terra Vermelha – ES, Pesquisa de Mestrado)

Procuramos ainda sentir olhares, gestos e cores presentes neste local, permitir-nos fazer parte deste amalgamado de pessoas, coisas e seres, bem como, penetramos neste ambiente por completo – intelectual, físico e intuitivo – buscando o envolvimento total e orgânico, simbólico e afetivo.

(de: Habitar a Cidade: experiência, arte e subjetivação nas ruas de Vitória-ES)

pensar não é importante, fotografar o mesmo é.

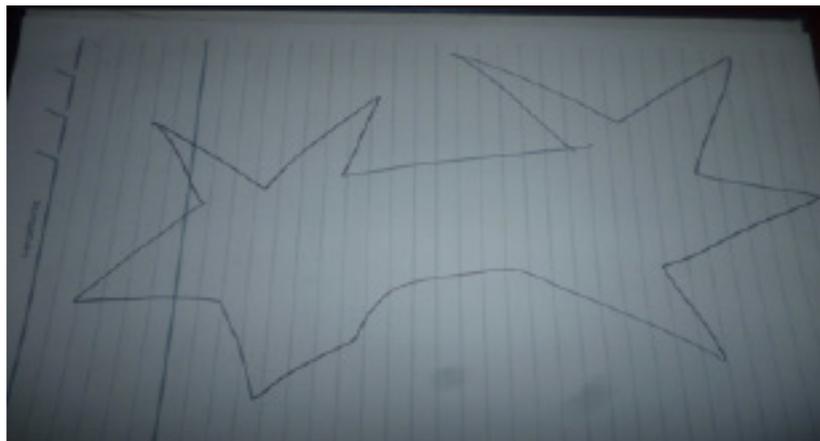
(de: Atlas das Geografias Menores: fotografia e narrativa dos lugares)

“Nós declaramos o mundo como nossa tela”.
 é o subtítulo do movimento “Street Art Utopia”, que agrupa um conjunto de artistas e coletivos que realizam intervenções nas cidades. Essas intervenções delineiam novas paisagens urbanas e nos propõe uma reflexão sobre a experiência metropolitana contemporânea e sobre como a vida nas grandes cidades tem se expressado. A cidade, nesse sentido, deixa de ser, para a Geografia, um suporte onde as coisas acontecem. O verbo mudou: do “produzir” para o “pensar”. E pensar a cidade implica dizer, em grande medida, que não somos mais meros observadores da cidade-palco. Somos, da cidade, parte indissociável. Somos vozes, olhos, bocas, palavras, desejos, pensamentos...

(de: Paisagens Urbanas – apontamentos sobre o Street Art Utopia e a Experiência Metropolitana Contemporânea, Pesquisa de Iniciação Científica)

Finalizo esse artigo com três poemas autorais, pois a poesia tem aqui o mesmo sentido de que fala Manoel de Barros: poesia não é para compreender, nem ser explicada, nem passar informações. É para ser incorporada, para aumentar o mundo, para dar encantamentos...

Lugar²



Há um lugar no desenho
 Nele temos linhas e traços
 Tem a mão de quem fez
 Mas a tinta da impressora
 Mão firme
 Linha dura
 Tem um limite claramente definido: duas linhas mais fortes
 Campo de força: lugar de conflito?
 O que tem ali?
 É um lugar datado inclusive: poder temporal
 É um lugar claramente definido: importante!!!
 Mas
 Linhas se cruzam
 Formam casas
 Áreas comuns
 Comuns?
 Não sei...
 Afinal de contas,
 Todas as linhas, letras, tintas e mãos...
 Estão presas ao quadrado do papel
 E eu quero a Liberdade
 Quero o lugar-liberdade!

² O poema "Lugar" foi escrito na ocasião de uma aula colaborativa que estávamos realizando por meio da ferramenta de texto do Google Docs. Cada aluno deveria trazer uma imagem, a partir de um eixo da sua pesquisa, para que pudéssemos dialogar. O aluno Vitor Zacche trouxe uma folha e seus rabiscos, o que suscitou em mim o referido poema.

Síntese-poema³

falta afeto na ciência?
 falta paciência?
 por que a pressa?
 que coisa é essa?

falta desejo na ciência?
 falta silêncio e incoerência
 é tudo muito certo e quadrado
 para onde foi o rabiscado?

falta dúvida na ciência?
 não tem ponto de interrogação?
 onde estão as reticências
 só tem vírgula, ponto e muita congruência
 abre aspas, ponto final.

falta autoria na ciência?
 quem escreveu com minhas palavras?
 não tem autor e nem ideia?
 tem muita cópia e pouca troca
 pensamento-prisão: armadilha e coerção

falta poesia na ciência?
 deixo...
 o coração aberto
 o olhar sensível
 e quero...
 um conhecer incerto
 um saber possível
 a gente vai
 mas a poesia fica.

³ Poema escrito após um dia coordenando um Grupo de Trabalho no III Seminário Nacional do LECgeo, em Recife. Minha tarefa, ao final das atividades, era apresentar uma síntese daquilo que foi discutido e dialogado. Das intensidades, imagens e palavras que permearam aquela ocasião, veio o poema.

Outros olhos⁴



em cada passo:
 ... descompasso
 em cada vista:
 ... entrevista
 em cada cena:
 ... encena
 em cada gesto:
 ... "sugesto"

e meus olhos não dão mais conta do ver
 sabe, aquela vista enquadra?
 hoje ela titubeou...

parecia um menino brincalhão
 que rabiscou o quadrado
 e o fez virar "senão"
 senão o que?

... num sei! 

⁴ Poema escrito a partir do vídeo experimental produzido por Rafael Borges e Carlos Queiroz, intitulado "Outros Olhos" (2012).

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. (Trad. Antonio de Pádua Danesi) Rio de Janeiro: Eldorado, 2005.

BANDEIRA, Manuel. **Poética**. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/manuelbandeirao3.html#poetica>>. Acesso em: 15 out. 2012.

BARROS, Manoel de. **O Livro das Ignorãças**. Rio de Janeiro: Record, 2007. 104p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 02. (Trad. Ana Lucia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão) São Paulo: Editora 34, 1995. 128p.

_____. **Kafka: para uma literatura menor**. (Trad. Rafael Godinho) Lisboa: Assírio & Alvim, 2003. 148p.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. 88p.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. (Trad. Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312p.

OLIVEIRA JR. Wenceslao M. Grafar o espaço, educar os olhos: rumo a geografias menores. **Pró-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3, p. 17-28, set./dez. 2009.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. (Trad. Rubens Figueiredo) São Paulo: Cia. das Letras, 2004. 224p.

Submetido em Novembro de 2012.

Revisado em Dezembro de 2012.

Aceito em Junho de 2013.